

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 36

Consumos Literários, Práticas Culturais e Habitus: O Paradoxo de Paulo Coelho e o Caminho de Santiago

Raquel Bello Vázquez

Porto, agosto de 2016

Consumos Literários, Práticas Culturais e Habitus: O Paradoxo de Paulo Coelho e o Caminho de Santiago¹

Raquel Bello Vázquez

Universidade Federal de Goiás

Grupo Galabra USC (Universidade de Santiago de Compostela)

E-mail: raquel.bello@usc.es

Submetido para avaliação: maio de 2016/Aprovado para publicação: julho de 2016

Resumo

A popularização da peregrinação moderna a Santiago de Compostela a partir da década de 1990 do século XX está intimamente ligada ao impacto mundial da literatura de Paulo Coelho, particularmente pela obra intitulada *Diário de um Mago*. A partir do estudo dos depoimentos e do seguimento realizado ao conjunto de peregrinos/as selecionados/as, estudamos os consumos culturais expressados na peregrinação de Santiago de Compostela. O Caminho de Santiago como um consumo cultural entre a classe média-alta porto-alegrense mostra-se como uma área complexa que faz prevê a emergência de elementos sociais de classe, raça e status social, com diferentes capitais em jogo. Neste estudo, foram realizadas 34 entrevistas a peregrinos/as do Caminho de Santiago. Este estudo conclui que a cultura e a ética do Caminho não pertencem a nenhum lugar em particular, sendo a peregrinação uma experiência formatada para um mercado internacional pronta para ser consumida, sem necessidade de interação com as pessoas –além de outras/os peregrinas/os- ou de aproximação com as culturas locais.

Palavras-chave: consumos literários, Caminho de Santiago, Paulo Coelho.

¹Este trabalho faz parte dos projetos de pesquisa:

Discursos, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela como meta dos caminhos de Santiago de Compostela, MIMECO [FFI2013–35521] e *Leituras, culturas e turismo. Homologias e feed-back entre os consumos culturais e turísticos no Brasil e nos Caminhos de Santiago*. Programa CAPES -PVE

Abstract

The popularization of modern pilgrimage to Santiago de Compostela from the 90s of the twentieth century is closely linked to the global impact of Paulo Coelho literature, particularly addressed to the work titled *Diary of a Magus*. From the study of the statements and the follow-up made to the set of selected pilgrims, this study aims to explore the cultural consumptions expressed in the pilgrimage of Santiago de Compostela. The road of Santiago as a cultural consumption among the upper-middle Porto Alegre class shows up as a complex area that it is provides a social emergency elements of class, race and social status, with different capital at stake. In this study, we conducted 34 interviews with pilgrims whose had completed the road of Santiago. This study concludes that the culture and ethics of the road of Santiago not belong to any particular place and the experience is formatted for an international market ready to be consumed without the need for interaction with other people or approach with local cultures.

Keywords: literary consumption, road of Santiago, Paulo Coelho.

Introdução

A literatura, igual que outras produções culturais, funciona como mediadora na difusão de discursos que têm homologias nas práticas sociais e nos consumos culturais. A popularização da peregrinação moderna a Santiago de Compostela a partir da década de 90 do século XX está ligada diretamente ao impacto mundial de Paulo Coelho, particularmente do seu livro *Diário de um Mago* (1987), que relata a viagem (trans)formadora do protagonista, Paulus, por meio de uma peregrinação a Compostela baseada numa experiência do autor.

O sucesso de vendas de *Diário de um mago* e doutras produções de Coelho como *O Alquimista* (o maior sucesso do autor, que inclui uma personagem chamada Santiago assim como uma das frases recorrentes em depoimentos de peregrinos: “E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo” (1990, pág. 48) popularizou o Caminho de Santiago no Brasil e noutros muitos lugares do mundo junto com uma visão só parcialmente católica, espiritualizada e menos religiosa do que a peregrinação anterior, associada agora com filosofias e práticas da Nova Era.

Num conjunto de entrevistas realizadas em Porto Alegre durante 2014 emergiram duas tendências aparentemente contrapostas:

- (1) O predomínio do discurso espiritualizado e Nova Era acima referido.
- (2) O apagamento de Paulo Coelho como referência, ou bem por ser referido negativamente, ou bem por não ser referido em absoluto.

Exploraremos neste trabalho algumas das implicações que estes dois fatos têm no estudo do relacionamento entre literatura e práticas sociais:

- a construção de um discurso literário a partir de uma prática sócio-cultural;
- o consumo de produtos culturais como parte de uma prática vinculada com outros campos;
- a circulação e o consumo indiretos de produtos da cultural;
- as homologias entre consumos, práticas e repertórios culturais.

O estudo de caso

Entre maio e dezembro de 2014 foram realizadas 34 entrevistas em profundidade com peregrinos/as que tinham feito o Caminho de Santiago. Estas entrevistas tiveram lugar em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Os motivos da escolha do lugar foram:

- Relevância quantitativa das/dos peregrinas/os procedentes do Brasil no conjunto de pessoas que completam o Caminho de Santiago
- Relevância qualitativa do discurso do produtor brasileiro Paulo Coelho na fixação da moderna cultura do caminho.

As pessoas que participaram no estudo foram localizadas em entornos frequentados por peregrinos/as que já tinham realizado o caminho ou que pretendiam fazê-lo. Em primeiro lugar, foi contactada a Associação de Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS), que me convidou a participar nas suas reuniões e facilitou o contato com as pessoas associadas. Durante 2014 frequentei as reuniões mensais da Associação e vários eventos por ela organizados. Entre esses eventos se encontram caminhadas mensais e uma série de palestras realizadas em vários lugares durante 2014, com o amparo do consulado da Espanha em Porto Alegre, já que o Caminho de Santiago foi nesse ano o eixo temático das atividades culturais da representação espanhola no exterior.²

Em todos esses eventos aproximei-me das pessoas que tinham feito o caminho, apresentei-me como pesquisadora e recavei o contato das pessoas interessadas em colaborar com a pesquisa. Posteriormente, fiz uma contatação com todas aquelas pessoas que me deram o seu número de telefone ou e-mail e entrevistei a todas as que aceitaram marcar um encontro comigo, sem fixar cotas por sexo, idade, classe social ou qualquer outro critério.

Numa fase diferenciada do projeto maior do qual este estudo de caso faz parte, não foram detectadas diferenças substanciais em função de valores sociodemográficos, e o nosso objetivo era conhecer as narrativas das/os peregrinas/os para identificar as suas motivações e visões do caminho e da cidade de Santiago de Compostela como meta do caminho. Por outro lado, e como era esperável, o estudo revelou uma grande homogeneidade sociocultural entre as pessoas entrevistadas.

²Como parte da colaboração estabelecida contribuí para a realização de um evento temático na minha universidade na altura.

O fato de eu proceder da Galiza e, particularmente, de Santiago de Compostela foi uma mais valia na hora da contatação, da aceitação das pessoas para participarem no projeto e também da forma em que falaram comigo. Em muitos casos fui convidada às suas casas, a jantares familiares, onde me mostraram lembranças do caminho em forma de fotografias, elementos de decoração das casas, etc. Se bem avalio como positivo para o resultado das entrevistas a minha procedência e a simpatia que esta despertou entre os sujeitos da pesquisa, a unanimidade em avaliar a experiência como positiva pode ser vista também como uma consequência dessa procedência, já que as pessoas tenderam a me identificar pessoalmente como uma espécie de representante ou promotora do caminho, e parece razoável pensar que não se sentiriam à vontade para fazer críticas muito explícitas.

Para minimizar este viés, foi feito um seguimento presencial das discussões entre peregrinos/as em vários eventos, onde a minha presença poderia ser menos evidente que numa entrevista cara a cara, e também através das redes sociais onde boa parte dos sujeitos são bastante ativos. Nenhum destes seguimentos mostrou conclusões diferentes das obtidas nas entrevistas, pelo que consideramos que o grau de fiabilidade é alto.

O perfil

Os sujeitos respondem a um perfil bem delimitado:

- Maior de 50 anos,
- Branco/a
- Não raramente aposentado/a
- Com crenças espirituais e/ou religiosas declaradas
- A profissão atual ou passada é uma que requer um diploma universitário

No Brasil, segundo dados do censo, mais de 50% da população se autodeclara negra (preta ou parda). Se bem é certo que no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre especificamente esta percentagem é significativamente inferior (entorno ao 80% da população se declarou branca no último censo em 2010 <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl2.asp?c=2093&z=cd&o=13&i=P>), a população negra está sub-representada tanto entre o grupo de peregrinas/os como de praticantes de caminhada. Todos os sujeitos entrevistados são brancos, e durante o

trabalho de campo apenas uma pessoa negra (que não tinha feito o caminho de Santiago) foi identificada nalgum evento ou reunião vinculado com o caminho.³

Quanto ao nível de estudos, o mesmo censo de 2010 recolhe que 11% para o Brasil e 25% para o Rio Grande do Sul têm estudos superiores completos, frente à totalidade das pessoas entrevistadas.⁴

Já em relação às crenças religiosas, o panorama brasileiro é complexo e difícil de abordar na extensão deste trabalho. Como é esperável tratando-se de uma peregrinação, as pessoas entrevistadas declaram crenças religiosas ou espirituais, mas estas crenças não dizem respeito necessariamente ao catolicismo romano. Especial destaque merece a presença de pessoas que se declaram espíritas ou que têm práticas espíritas combinadas com práticas católicas.

Em relação à elitização do perfil, faz sentido se se pensa no investimento requerido para fazer uma viagem transoceânica desde o Brasil à Europa com o propósito de realizar uma caminhada ou peregrinação, quando atividades de grande caminhada podem ser realizadas no Brasil ou noutros lugares da América Latina. Neste sentido, será precisa pesquisa para comparar os perfis sociodemográficos das/os peregrinas/os brasileiras/os com as de pessoas procedentes de outros lugares distantes como, principalmente, os Estados Unidos em contraste com pessoas de procedências muito mais próximas como Portugal, Espanha, França ou Itália.

A abundante bibliografia sobre classe social e consumos culturais (dos trabalhos pioneiros de Pierre Bourdieu (1979) até a corrente conhecida como dos unívocos e omnívocos –Peterson e Kern (1996)-, assim como os trabalhos que reconciliam estas duas linhas às vezes contraditórias, como Lizardo e Skiles, 2012) levam-nos a refletir sobre a relação entre o perfil sociodemográficos e sociocultural dos/as peregrinos/as brasileiros/as e o seus consumos culturais. Neste trabalho focaremos dois aspetos específicos: a atividade de caminhada como consumo cultural, e o consumo de produtos vinculados com o caminho de Santiago.

É o nosso objetivo tentar analisar até que ponto a própria atividade de caminhada é em si um consumo elitizado, por um lado, e, por outro, analisar se se pode falar de um

³Para dar uma dimensão do número de pessoas visadas, uma caminhada normal da ACASARGS conta com uma participação superior às 100 pessoas. Outros eventos como palestras, bate-papos ou apresentações de livros podem ultrapassar facilmente os/as 50 assistentes.

⁴Deve ser indicado que o relatório do MEC 2013 amostra a sua preocupação pela relação entre classe social e acesso ao ensino superior, o que nos indica que também as famílias de origem a que pertencem a maior parte dos/as peregrinos/as são provavelmente também de classe média-alta.

mercado de produtos sobre o caminho de Santiago entre o grupo dos/as peregrinos/as e quais elementos constituiriam esse mercado.

Os consumos culturais expressados

A partir do estudo dos depoimentos e do seguimento realizado ao conjunto de peregrinas e peregrinos selecionados, estudamos os consumos culturais expressados. Várias das pessoas entrevistadas são elas mesmas produtoras de conteúdos culturais num sentido alargado, e são muito ativas na promoção de atividades de promoção do caminho de Santiago. Das 34, 7 me deram livros que tinham publicado narrando a experiência do caminho, 1 deu-me um dvd que utiliza em palestras e no mínimo 10 palestram de forma habitual ou realizam outras atividades promocionais como, por exemplo, a elaboração de comidas a que é atribuída uma dimensão icônica ou referencial em relação ao caminho.

De um modo geral, os depoimentos registados focam pouco nos consumos culturais de forma espontânea. Em princípio, isto foi inesperado, já que a maioria das pessoas, como indicado acima, movem-se num entorno muito vinculado com todos os elementos culturais do caminho (partilham fotografias nas redes sociais, frequentam palestras e atividades de divulgação, etc). Porque em boa medida as hipóteses da nossa pesquisa se fundamentam no conceito de homologia estrutural entre campos e no entendimento das prática de leitura ou práticas culturais em geral como práticas sociais, e especificamente na ideia de que um produto cultural, neste caso *Diário de um mago*, tem uma forte relevância para a compreensão do discurso sobre o caminho de Santiago contemporâneo, foi perguntado nas entrevistas sobre consumos concretos. Por via de regra, não foram referidos títulos específicos com três exceções: o livro de Sérgio Reis *O Caminho de Santiago - Uma Peregrinação ao Campo das Estrelas*, o filme de Emilio Estévez *The Way* e *Diário de um mago* de Paulo Coelho.

Entre os dous primeiros e o último, contudo, existem diferenças remarcáveis. *O Caminho de Santiago* e *The Way* são apresentados como exemplos de reflexo fiel da experiência do caminho e, no caso do livro de Sérgio Reis, também de livro de utilidade para planejar a peregrinação.⁵

⁵Deve ser indicado que Sérgio Reis é um jornalista gaúcho bem conhecido em Porto Alegre. As características socioculturais próprias do Rio Grande do Sul, que costuma ser caracterizado como um estado “bairrista” e, em ocasiões, secessionista tornam esperável a ênfase num autor local como Sérgio Reis, frente a qualquer outro produtor brasileiro. Em qualquer caso, o referido livro conta atualmente com 16 edições, o que é indicativo do seu sucesso editorial.

Já *O diário de um mago* e o seu autor são pouco referidos espontaneamente e, quando as pessoas são diretamente inquiridas, na maior parte das vezes a reação é de "desgosto". Este desgosto apresenta-se-nos como paradoxal, sendo que, por um lado, é bem conhecido o papel do escritor como maior promotor do Caminho de Santiago no Brasil (e não só) e, por outro, de encontrar evidentes homologias entre as narrativas das peregrinas e dos peregrinos e a narração publicada por Coelho no *Diário de um mago*.

As narrativas peregrinas frente à narrativa de Paulo Coelho

Na análise preliminar dos depoimentos⁶ e das notas tomadas após as entrevistas emerge um evidente paralelo entre a narração da experiência do caminho e a narrativa de Paulo Coelho. A narrativa do caminho pode ser sintetizada como se segue:

- O caminho é sentido como uma experiência profundamente espiritual.
- Peregrinos/as abastados/as elaboram de que formas aprenderam a viver de forma mais simples e austera, evocando a ideia do **desapego** dos bens materiais.
- Consideram a peregrinação como um evento que mudou as suas vidas.
- Elaboram a ideia do **chamado**, profundamente enraizado na tradição cristã das vidas dos santos.
- As comunidades locais que o caminho atravessa estão ausentes, descritas em termos visuais gerais como a paisagem, com referências específicas a elementos conotados como *exóticos* tais como as cerejas e os girassóis.
- A ideia de uma **energia** espiritual que estaria presente no Caminho de Santiago é vinculada à antiguidade do mesmo, identificada não raramente como "medieval".⁷ Particularmente relevantes são as menções a experiências espirituais intensas sentidas em igrejas antigas, com ênfase especial para a do Cebreiro, que se revela como um dos lugares sentidos como mais "mágicos".

⁶Numa segunda fase da pesquisa, que agora está começando, procederemos a fazer uma análise automática das transcrições das entrevistas e uma comparação com o texto de *O diário de um mago*. A tal efeito será utilizado o software Iramuteq, já testado com sucesso dentro do projeto de pesquisa com destaque para a tese de doutorado de Luísa Fernández (2016).

⁷Esta questão surge quando se pergunta o que diferencia a peregrinação a Compostela doutras viagens ou doutras grandes rotas de caminhada mais próximas tanto no Brasil quanto na América Latina. De fato, várias das pessoas entrevistadas fizeram também a pé a rota do Machu Picchu, mas salientam, exceto num único caso, o impacto diferencial em termos de "energia" do Caminho de Santiago.

- Várias narrativas estão permeadas pelo sentimento de ter experimentado um processo complicado de regresso à casa, uma espécie de luto pela experiência vivida e deixada para atrás, sintetizada por várias/os peregrinas/os como “o caminho começa em Santiago”.
- Muitas/os peregrinas/os falam da experiência do caminho como ponto de viragem nas suas vidas e do aprendizado de uma vida mais simples. No entanto, não relatam mudanças radicais nas suas vidas no regresso ao Brasil como mudar de casa, largar empregos, divórcios –apenas em um caso-, etc. Em lugar de mudanças em termos práticos, o que relatam é a capacidade de viverem de forma mais simples, mas não uma mudança real para uma vida mais simples.
- Relacionado com o anterior, muitos/as peregrinos/as consideram que a *essência* do caminho não é reproduzível em casa, onde sentimentos de desconfiança respeito a pessoas desconhecidas –perpassados de forma mais ou menos subtil por preconceitos de classe e raça- e o medo aos assaltos são característicos dos relacionamentos urbanos no Brasil, particularmente entre a classe média-alta.⁸
- As mudanças narradas permanecem no nível espiritual e de desenvolvimento individual, interpretadas como crescimento pessoal, tornar-se uma pessoa melhor, mas não no nível material nem em ações de tipo coletivo.
- A narrativa predominante mistura ideias católicas/cristãs sobre ser recompensada/o pelas boas ações, junto com ideias espíritas relacionadas a receber da vida o bem merecido.
- Imagens positivas em relação à espiritualidade, às viagens e à atividade física (particularmente aquela não competitiva) levam as peregrinas/os a construir uma autoimagem que as/os conforta e recompensa num contexto de desigualdade social, contribuindo para resolver a possível contradição entre a certeza de que, de fato, poderiam viver com menos mas que, pelo contrário, vivem em um entorno relativamente privilegiado em relação ao conjunto da sociedade brasileira.
- Das narrativas desprende-se um sentido de distinção social ligado ao caminho: pessoas bem conhecidas da sociedade do Rio Grande do Sul (jornalistas famosos, magistrados, donos de empresas importantes, etc.) são peregrinos, o qual contribui para sublinhar a ideia de sucesso ligada à peregrinação desde o começo da difusão do

⁸Talvez deva ser considerado futuramente na análise o fato de que particularmente em Porto Alegre existe uma preocupação crescente, alimentada desde os meios de comunicação locais –o jornal Zero Hora, por exemplo, conta com uma seção fixa chamada “crise na segurança”-, em relação à segurança que se traduz em informações constantes sobre assaltos e assassinatos tanto na imprensa como nos relacionamentos quotidianos entre as pessoas.

caminho no Brasil com o livro de Paulo Coelho. Além de ser conhecidas estas peregrinações, há várias histórias que se repetem nos depoimentos nas quais um/a peregrino/a de aspecto e comportamento particularmente modesto se descobre, tempo depois de finalizada a caminhada, como uma pessoa com uma importante função social, muito capital econômico ou ambas como reitora de uma universidade britânica ou diretor de um banco francês.

- O “chamado” narrado por algumas pessoas, é coerente com a famosa citação “E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo” (O Alquimista, p. 48, 54a ed, Rio de Janeiro: Rocco, 1990), canalizando a ideia de que foram eleitos/as para realizarem o caminho, de que este é uma espécie de destino que eles/as seguiram, por vezes com dúvidas. Uma narrativa muito próxima à da tradição católica do chamado dos apóstolos, ou do chamado que as pessoas consagradas afirmam receber.

Segundo os dados fornecidos por Elias Torres (2011: 410-411), “Em 1989, *D[í]ário de um Mago* e *O Alquimista* alcançavam o topo da lista dos mais vendidos no Brasil (Alzer e Claudino, 2004: 121). No ano 1995 ultrapassava as cem edições. Em 1998, Coelho era «um dos 15 autores mais lidos do mundo, frequenta a lista de best-sellers de 18 países. Seus livros estão traduzidos em 74 países e 39 idiomas» (Moraes: 1999). Nesse ano, em Abril, a revista *Veja* (Camacho, 1998) informava que estava à beira de chegar a um milhão de exemplares vendidos de toda a sua obra na Inglaterra e no Japão; milhão que era largamente ultrapassado nos Estados Unidos e na Itália, superando os quatro milhões na França. Tudo sem contar as 8.000.000 de cópias que calcula o seu biógrafo circulam ilegais pelo mundo (Morais 2008: 53).”

No mesmo trabalho, Torres sintetiza os materiais repertoriais contidos em *Diário de um mago*. Serviremo-nos dessa síntese para mostrar os elementos comuns entre as duas narrativas sob foco:

não aparecem valorizações nem reflexões sobre línguas e comunidades no CS. A não atenção à(s) língua(s) estende-se mesmo a outros âmbitos culturais: o autor refere-se aos cruzeiros espalhados ao longo de todo o caminho como «rollos» (1991: 129). No que diz respeito à memória, genealogia ou origens que para o autor, também como brasileiro, a Galiza podia representar, elas são inexistentes. A História recebe maior atenção, através da sua visão da Rota Jacobea, as suas origens e significação assim como alguns apontamentos da História do Estado Espanhol. Repassa-se origem e significado do CS (Coelho 1991: 22-23) alude-se a elementos que ajudaram na sua mi(s)tificação: Via Láctea, Aymeric Picaud, Carlos Magno, Codex Calixtinus, Liber Santi Jacobi, Les Amis de Saint-Jacques, etc., fundamentalmente medievais, nem sempre

vinculados ao Caminho, caso do El Cid, (1991: 52, 61, 62, Alude-se a episódios vinculados à guerra civil e as suas consequências (1991: 101, 165; alguma cuja veracidade é controversa, 1991: 84), «utilizados para conduzir a história e dotá-la desse carácter mais antigo, mítico e ‘primitivo’, caracterizado pelas pegadas que o tempo e a História foi deixando ao seu passo». Cortizas Leira salienta a Idade Média como uma das constantes do livro, onde se originaria a tradição de «ritos, lendas e exercícios que ele irá aprendendo e realizando ao longo do seu caminho, e ainda por ser quando tem o seu esplendor a Ordem dos Templários, elemento mitificante e mitificado em todo o relacionado com o Caminho, os mosteiros e os ritos de consagração espiritual». Deste ponto de vista, Cortizas indica que a tradição, lendas e crenças é uma «das principais linhas temáticas e fio argumental da história», «pois a própria congregação a que o autor diz pertencer logo no início do livro e seguir os seus postulados recebe o nome de «Tradição» (título, aliás, de um dos Capítulos, 1991:203, reforçando o vínculo entre Tradição e esoterismo). Esta congregação ele mesmo define como (Coelho 1991:1) «a grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo o mundo», o que mais uma vez nos remete para a universalidade e a condição de que a história que aqui é contada é para todo o mundo (ibid 1991:15). A associação entre história, crença e mito é reiterada, nas explicações do nome Compostela (ibid 1991: 22) ou na narrativa do milagre que se conta que aconteceu no Cebreiro (ibid 1991:241). Objectos tradicionais dos peregrinos aparecem já desde o início (1991:26-27) também utilizados simbolicamente como mecanismos de auto-identificação entre eles. A paisagem aparece como variada e contrastada ao longo do CS em determinadas ocasiões (Coelho 1991:242-243), tendo como funções reflectir estados de ânimo e de espírito e servir de apelo, diálogo ou pista para o caminhante, dotando mais uma vez o texto de «um carácter mágico e universalista». A toponímia não é cuidada (há erros em vários topónimos), e o seu uso é apenas referencial da passagem por eles e justificativo da tradição e antiguidade do CS, usando amiúde um tom ruralista e de simplicidade ao aludir a eles, reforçando o sentido antigo do fenómeno do Caminho e o simples como elemento de profundidade da mensagem do livro (o texto vincula sistematicamente pessoas simples, as práticas de RAM e o iniciático para atingir o «verdadeiro Conhecimento», 1991: 35) [...]. As alusões aos hábitos, costumes e alimentação das comunidades por onde passam são raros e generalistas, excepto a narrativa de um casamento (título de um capítulo) ou à justificação da «siesta» (Coelho 1991: 23, 57, 79). A vinculação entre alimentos, gastronomia e comunidades é também pouco abundante, quando aparece em conjunto, não surge destacada positivamente (1991: 99). Aparecem elementos comuns («pão com azeite», «café preto» ou «café com leite» e «vinho»,

costumando o da Rioja, no entanto, aparecer positivamente aludido-) e encaracterizados como fundamentais e alusões a refeições sem pormenores nem vínculos ao local (1991: 39, 44, 70, 204). Há alguma apreciação sobre o mal atendimento em algum lugar (1991: 77) e só em duas ocasiões, a gastronomia aparece como tal, salientada positivamente, em Estella, vinculando-a aos comentários de Aymeric Picaud no Liber Sancti Iacobi (ibid, 1991; 80) e em Astorga, aos «biscoitos amanteigados» (1991:161). Já no que diz respeito às motivações e expectativas de viagem, Cortizas salienta, ainda, uma ocasional «complacência ou mais bem resignação, ou até de um implícito sentimento de culpa», cuja expiação permitirá chegar ao verdadeiro poder do Conhecimento”

Ainda, e mais importante, em relação ao discurso editorial sobre a obra, afirma Torres “algumas coordenadas parecem constituir-se como constantes de leitura: a procura/transformação individual, a concepção religiosa-mística da vida, a procura da felicidade”. Tirando as especificidades vinculadas com as práticas RAM que são salientadas por Torres como parte relevante do livro, o resto dos materiais repertoriais, como vimos acima, estão presentes também nas narrativas peregrinas. A similitude entre os elementos de ambas as narrativas são grandes, particularmente no que tem a ver com o propósito transformacional, a vivência do caminho alheia às comunidades locais (prevalecendo a “cultural do caminho” frente às culturas dos lugares que o caminho atravessa), a espiritualidade e um vago historicismo de grande apelo para as/os peregrinas/os brasileiros, que efetuam uma comparação entre as que são percebidas como pequenas cidades medievais intocadas durante séculos e a realidade urbana brasileira, constituída por grandes conglomerados caracterizados pela modernidade e uma escassa patrimonialização arquitetônica.

Então, como explicar o paradoxo de Paulo Coelho? É a nossa hipótese que o fato chave para esta contradição é o modo em que os consumos literários e as práticas culturais relacionadas se constituem como identitários para um grupo economicamente abastado mas que se considera distinto em relação aos consumos majoritários dos seus pares. É neste sentido que a atividade física e particularmente a caminhada se constituem num consumo cultural relevante.

Caminho de Santiago, caminhada e classe social

Como foi indicado acima, é esperável que a realização do caminho de Santiago tenha um viés de classe, pois a disponibilidade de uma passagem de avião para a Europa, de 35-40 dias de folga para realizar o caminho francês –o mais comum entre as/os brasileiras/os- e de um equipamento especial caro está ao alcance apenas de um grupo

limitado de pessoas.⁹ No entanto, a atividade física da caminhada desenvolvida em lugares próximos de Porto Alegre por uma parte importante dos sujeitos entrevistados, sendo uma atividade de lazer barata e acessível, apresenta –com algumas exceções– o mesmo recorte de classe.

Como parte do trabalho de campo realizamos observações participantes em 7 caminhadas de 2 grupos diferentes. Um dos grupos é a Associação de Amigos do Caminho de Santiago, que cobra uma quota para os/as seus/suas associados/as e uma inscrição para a participação nas caminhadas, que incluem, em troca desta inscrição bebida, frutas, transporte, assistência durante o trajeto e um almoço final realizado no lugar de destino da caminhada. O preço da inscrição para pessoas não associadas está na ordem dos 90 R\$ para caminhadas de um dia e de 250 R\$ para caminhadas de fim de semana com alojamento. O outro grupo, de estrutura muito mais informal, não cobra nada pela participação, o transporte é organizado em caronas entre os/as participantes, e a comida e a água é por conta das pessoas que realizam a caminhada.¹⁰ Nos dois casos, trata-se de uma atividade barata que permitiria a participação de pessoas de um leque socioeconômico bem maior mas, de fato, este aumento da diversidade não se produz. Existe no entanto uma exceção em termos de diversidade. Um dos grupos realiza nalguns casos as caminhadas em colaboração com municípios interioranos próximos de Porto Alegre. Nesses casos existe uma clara diferença entre o perfil das pessoas que procedem de Porto Alegre –que se encaixam no já descrito– e aquelas que residem no município em que termina a caminhada e que participam na atividade. Trata-se de pessoas que não declaram vínculos ou conhecimento específico sobre o caminho de Santiago, de renda e nível sociocultural mais baixo e que querem participar numa atividade física leve e que não requer preparação.¹¹

Pesquisa específica sobre as ligações entre classe, raça e atividade física para o caso concreto do Brasil é precisa para entender melhor estas complexas relações nas quais não é apenas, nem talvez principalmente, a dificuldade de acesso econômico o que

⁹Nas recomendações dadas para futuros/as peregrinos/as costuma ser indicado investir em botas ou tênis específicos de caminhada, saco de dormir, mochila e capa de chuva como o mínimo requerido. O investimento nestes itens situa-se no entorno dos 1500 R\$, embora, possa ser ainda maior dependendo das marcas específicas escolhidas. Em termos comparativos, com data de março de 2016 o salário mínimo no Rio Grande do Sul foi fixado “entre R\$ 1.103,66 e R\$ 1.398,65” (<http://www.rs.gov.br/conteudo/235632/reajuste-do-salario-minimo-regional-e-sancionado>).

¹⁰Existem ainda empresas especializadas com uma programação continuada de caminhadas por preços mais elevados (uma caminhada de um dia por uns 200 reais, ou atividades de final de semana com alojamento por mais de 600). O posicionamento em relação a elas varia entre os sujeitos entrevistados. Várias pessoas participam em eventos organizados por estas empresas ou até num caso é dona de uma delas, enquanto outras são mais céticas apontando que o fato de cobrarem quantidades elevadas seleciona um público mais elitizado.

¹¹As pessoas locais tendem a evitar os trechos mais difíceis do roteiro tanto por falta de prática como por falta de um equipamento apropriado para realizar subidas ou descidas muito íngremes e também porque a ideia de desafio que perpassa os caminhantes mais ligados com o associacionismo e com o caminho de Santiago parece estar ausente neste grupo.

explica a elitização destas atividades.¹² De uma análise preliminar das entrevistas e do seguimento posterior dos sujeitos parece desprender-se que esta atividade física não pode ser separada de outros fatores como a elaboração da espiritualidade, a utilização de chamadas “terapias alternativas” e outro tipo de atividades vinculadas com a cultura *new age*. Neste sentido o trabalho de Sônia Maluf (2005) mostra as ligações entre classe, cultura *new age*, alimentação e, particularmente para o nosso trabalho, a ideia do corpo (portanto do cuidado do corpo também em relação à atividade física) como metáfora, o que nos leva a pensar na possibilidade de entender o cuidado do corpo e a realização de atividades físicas como uma mostra de *moralidade*, de elemento de distinção com respeito aos pares. Se a nossa interpretação é correta, tanto a peregrinação a Santiago como o próprio fato de realizar atividade física não competitiva serve para delimitar um grupo específico dentro da classe média-alta a que se referencia o perfil predominante entre os/as peregrinos/as. Os consumos referidos constituiriam-se, então, como identitários para um grupo economicamente abastado mas que se considera em contradição com os consumos maioritários dos seus pares, que identificam expressivamente como shopping frente a natureza ou turismo frente a viagem de experiência.

Concordamos com Maluf (2005) em que “uma das dimensões de articulação da cultura neo-espiritual, ao menos de suas redes mais restritas, funciona como uma espécie de demarcação simbólica para as classes médias urbanas brasileiras, cruzada com outros aspectos culturais próprios a essas classes”.

A própria trajetória de Paulo Coelho, estudada por D’Andrea (2000) mostra, pelo menos até o seu enorme sucesso como autor de best-sellers, um grande parecido com o perfil das pessoas entrevistadas. Definido por D’Andrea (2000: 16) como “um caso de Cristianismo New Age”, “Coelho nasceu e cresceu em ambiente de classe média alta, na Zona Sul carioca, área de elite da cidade do Rio de Janeiro. Este elemento reafirma o site sócio-cultural [sic] típico no desenvolvimento de ideais New Age: regiões privilegiadas de centros urbanos cosmopolitas, portadoras de estruturas educacionais e artí[s]ticas.” (D’Andrea, 2000: 106). Em relação às suas tomadas de posição, afirma D’Andrea, no mesmo lugar:

Seja por causa da origem de classe, pela influência da literatura existencialista, ou pelo envolvimento direto com sistemas mágicos – a mais certamente devido à conjunção de todos estes fatores -, é que pode ser concluído que, é este espírito

¹²A bibliografia sobre o correlato entre atividade física e classe social é extensa, e não faremos aqui uma revisão da literatura sobre este tópico, embora alguns trabalhos podem ser citados como indicativo de que efetivamente têm sido traçadas ligações entre ambos fatores, como Marshall et al., 2007; Crespo, Carlos J et al., 2000; Sobal, Jeffery; Stunkard, Albert J., 1989; Evans, John; Davies, Brian, 2006; James F. Sallis et al., 1996.

individualista – o expressivista, não o utilitário – é que posicionou Paulo Coelho em sintonia com vastos segmentos das classes médias ocidentais. São os estratos que mais expressam os valores perversivos do individualismo contemporâneo, os quais, por sua vez, devem ser esperados que se reflitam no campo religioso.

O capital simbólico de Paulo Coelho, pelo menos até 2000, segundo Torres (2011) foi incrementado, tendo recebido numerosos prêmios e reconhecimentos internacionais. Na atualidade, e particularmente no Brasil, parece que esse capital simbólico é muito menor entre as elites brasileiras, o que pode ser demonstrado na pouca atenção acadêmica dada ao produtor. As poucas pesquisas existentes não se localizam dentro da área de letras, o que podemos considerar um sintoma de consagração na sua dimensão de produtor literário.

Numa das poucas exceções, a tese de Adriana Pin (2014) sobre a recepção de Paulo Coelho por parte da crítica e dos/as leitores/as na plataforma Skoob, o/a leitor/a de Coelho é caracterizado da seguinte forma “é possível entender o leitor de Paulo Coelho sem incorrer em preconceitos ou visão elitista. Já foi dito que esse leitor não detém ou domina o conhecimento letrado, teórico-crítico, adquirido no meio acadêmico, nos curso de Letras, por exemplo”.

Embora na década de oitenta do século XX D’Andrea atribui uma grande penetração de Coelho entre a classe média brasileira, as poucas pesquisas sobre a sua recepção contemporânea, como a de Pin, parecem apontar para uma difusão maior entre grupos com menor capital cultural, econômico e social.

Pesquisa de campo complementar realizada em paralelo ao estudo de caso mostrou indícios –que devem ser verificados por pesquisa específica e sistemática- de uma tendência a que aquelas pessoas que não têm condições para viajar e fazer o Caminho de Santiago declarem a leitura e o gosto por Paulo Coelho e os seus livros, enquanto aquelas pessoas que de fato realizaram ou planejam realizar o caminho e têm as condições econômicas e laborais para o fazerem, declarem não ter lido Paulo Coelho, ter desistido da leitura ou não ter gostado. Faltando ainda essa pesquisa, existem indícios que sustentam a hipótese de que os/as leitores/as contemporâneos/as sejam pessoas de capital cultural e econômico inferior sem possibilidade real de fazer o Caminho. Isto justificaria, por um lado, o rejeitamento de PC por parte do/as peregrinos/as, ao tempo que explicaria o valor diferencial em termos sociais da realização do Caminho (tanto com respeito aos pares, como com respeito a outros grupos sociais, hierarquicamente situados por baixo).

Conclusões

O Caminho de Santiago como um consumo cultural entre a classe média-alta porto-alegrense mostra-se como uma área complexa que faz emergir elementos sociais de classe, raça e status social, com diferentes capitais em jogo. As nossas conclusões preliminares apontam para implicações de tipo social, que nos mostram que “jogar a ser pobre” (a cultura do desapego ou da austeridade), a estética “mochileira” e a viagem espiritual (frente ao *turismo*) funcionam como formas de distinção para um grupo restrito dentro da elite social; implicações de tipo cultural, com produção específica de produtos literários e cinematográficos e eventos sociais destinados a peregrinos, assim como a construção de uma “ética peregrina” veiculada através desses produtos; finalmente, implicações para as comunidades locais atravessadas pelo Caminho, ausente nas narrativas, com Santiago de Compostela apenas como meta. A cultura e a ética do Caminho não pertencem a nenhum lugar em particular, sendo a peregrinação uma experiência formatada para um mercado internacional pronta para ser consumida, sem necessidade de interação com as pessoas –além de outras/os peregrinas/os- ou de aproximação com as culturas locais. Esta neutralidade cultural aplica-se também à construção ideológica e religiosa, que se constitui como um elemento cultural eclético e miscelâneo para um leque alargado de confissões ou práticas espirituais.

Bibliografia

- Bourdieu, Pierre. La Distinction. Critique sociale du jugement. Les Éditions de Minuit. 1979.
- Coelho, Paulo. O Alquimista. 54^a edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- Coelho, Paulo. O Alquimista. Planeta, 1988.
- Coelho, Paulo. O Diário de um mago. Planeta do Brasil, 1987.
- Crespo, Carlos J et al. Race/ethnicity, social class and their relation to physical inactivity during leisure time: results from the Third National Health and Nutrition Examination Survey, 1988–1994. American Journal of Preventive Medicine, Volume 18 , Issue 1 , 46 - 53 , 2000
- D’Andrea, Anthony Albert Fischer. O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais edições loyola, 2000.
- Evans, John; Davies, Brian Social class and physical education. Handbook of physical education. London, U.K.: Sage Publications. 2006
- Lizardo, Omar; Sara Skiles Reconceptualizing and theorizing ‘omnivorousness’: Genetic and Relational Mechanisms. Sociological Theory December 2012 vol. 30 no. 4 263-282.
- Maluf, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. Antropologia em primeira mão, Universidade Federal de Santa Catarina, n.1 1995.
- Marshall, S. J., D. A. Jones, B. E. Ainsworth, J. P. Reis, S. S. Levy, And C. A. Macera. Race/Ethnicity, Social Class, and Leisure-Time Physical Inactivity. Med. Sci. Sports Exerc. , Vol. 39, No. 1, pp. 44–51, 2007
- Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior. 2013.
- Peterson, Richard A.; Roger M. Kern. “Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore.” American Sociological Review 61, 1996, 900-907.
- Reis, Sérgio, O Caminho de Santiago - Uma Peregrinação ao Campo das Estrelas. Foco: Porto Alegre, 1997.

Sallis, James F., Joy M. Zakarian, Melbourne F. Hovell, C. Richard Hofstette. Ethnic, socioeconomic, and sex differences in physical activity among adolescents. *Journal of Clinical Epidemiology*. Volume 49, Issue 2, February 1996, Pages 125-134

Sobal, Jeffery; Albert J Stunkard. Socioeconomic status and obesity: A review of the literature. *Psychological Bulletin*, Vol 105(2), Mar 1989, 260-275. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.105.2.260>

Torres Feijó, Elias. Discursos contemporâneos e práticas culturais dominantes sobre Santiago e o caminho: a invisibilidade da cultura como hipótese. In: Lourenço, A. A.; Silvestre, O. M. (eds.). *Literatura, espaço, cartografias*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011. p. 391-449.

IS Working Papers

3.ª Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 36

Título/Title

“Consumos Literários, Práticas Culturais e Habitus: O Paradoxo de Paulo Coelho e o Caminho de Santiago”

Autora/Author

Raquel Bello Vázquez

A autora, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).